

# O TRIFEIRO



A RUA DOS CLÉRIGOS ILUSTRA BEM — NO PASSADO E NO PRESENTE — O ESPÍRITO DAS LOJAS DE TRADIÇÃO PORTUENSES (FOTO ALVÃO)

## S U M Á R I O

- 34 EDITORIAL
- 35 DA TRADIÇÃO E DAS LOJAS DO PORTO  
por Carlos Laranjo Medeiros
- 38 LOJAS DE TRADIÇÃO DO PORTO  
O ESPAÇO E A MEMÓRIA DAS VIVÊNCIAS  
PORTUENSES  
por Paulo Samuel
- 45 RUA DAS FLORES  
A « RUA DO OURO PORTUENSE »  
por José A. Rio Fernandes
- 47 O MODERNISMO  
por Alfredo Ribeiro dos Santos
- 54 RETÁBULOS PINTADOS IMITANDO TALHA  
DOURADA  
por Flório de Vasconcelos
- 59 VIDA CULTURAL  
HOMENAGENS • LIVRO
- 63 ACONTECEU HÁ 50 ANOS

PROPRIEDADE: ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO PORTO

SEDE: Palácio da Bolsa • R. Ferreira Borges  
Telef. 2002728 • 4000 Porto

ADMINISTRAÇÃO: Eng. Vergílio Folhadela Moreira [Presidente]  
Eng. Francisco de Almeida e Sousa [Administrador]  
João Auy Ribas dos Santos [Administrador]

DIRECÇÃO: Dr. F. Almeida Conde [Director]  
Dr. A. Canedo [Director Adjunto]

COORDENAÇÃO GERAL: José Leão

Depósito Legal n.º 11497/86 • Registo na D.G.C.S. n.º 107643

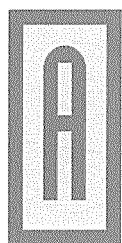
Revista Mensal • Preço: 550\$00 • Assinatura Anual: 5.500\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA: UNIARTE GRÁFICA • PORTO

DISTRIBUIÇÃO: MÁRIO DA SILVA BAGA, LDA.  
Rua Duque de Terceira, 271 - 4000 PORTO

TIRAGEM: 5000 EXEMPLARES

7.ª SÉRIE • ANO XIII • NÚMERO 2 • FEVEREIRO 1994



Rua das Flores (Santa Catarina das Flores, ou Flores, de seu nome original), aberta por desejo e ordem do Rei D. Manuel em 1521, teve três importantes consequências na cidade de então.

Por um lado, aliviou a velha Rua da Bainharia de um tráfego de pessoas e mercadorias que deveria já ser difícil para arruamento tão estreito, sinuoso e inclinado. Por outro, permitiu a criação de um espaço urbano amplo e rectilíneo, passível de reforçar a imagem de importância do velho burgo e de atrair a fixação da fidalguia que a cidade do Porto durante muito repeliu (e a quem mesmo o pernoitar na cidade esteve vedado). Por último, muito «renascentisticamente», foi possível dar ao Mosteiro de S. Bento de Avé Maria (em construção, no local onde hoje está a Estação de S. Bento), um enquadramento perfeito, com o belo imóvel a rematar, no alto, a nóvel artéria do burgo.

A abertura da Rua das Flores constituiu ainda um marco importante na urbanização do Morro da Vitória e no acréscimo de significado sócio-económico da margem direita do Rio da Vila (pequeno riacho pestilento que passava sensivelmente onde hoje está a Rua de Mousinho da Silveira). Nesse sentido, é natural que a sua existência tenha contribuído para o reforço da importância dos dois nós viários situados nos seus extremos, marcados, a NE, pela instalação da feira franca localizada defronte ao Mosteiro de S. Bento, junto à Porta de Carros que ligava a cidade com a estrada de Guimarães (por Bonjardim) e, a SW, pela acentuação do papel viário do Largo de São Domingos, transformado em nó fundamental da rede rodoviária até pelo menos a meados do século XIX e, logo, espaço atraente para a fixação de tendas e a reunião de pessoas.

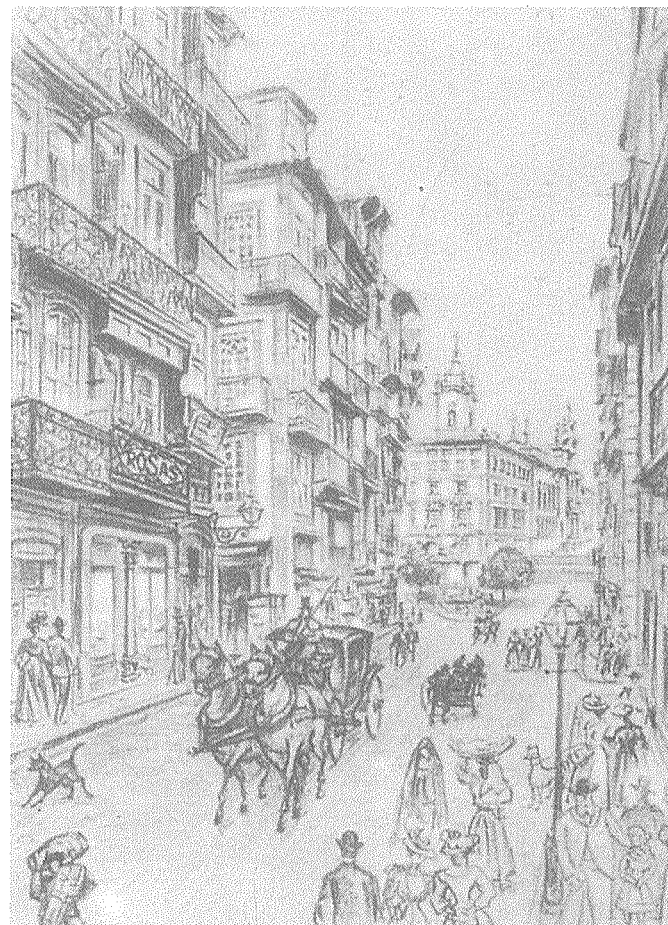
Mas se a Rua das Flores terá sido, desde a sua abertura, simbólica, formal e ocupacionalmente, uma das principais ruas do Porto, historicamente o século XIX terá marcado o seu apogeu e, igualmente, o início do seu declínio.

De facto, com as profundas transformações associadas ao importante aumento demográfico e urbanístico da cidade, à

## RUA DAS FLORES a «Rua do Ouro portuense»

extinção das feiras e mesteres e à multiplicação das fábricas e dos estabelecimentos comerciais, a Rua das Flores desempenhou um papel fundamental neste momento de transição que ficou igualmente marcado por significativas alterações da estrutura funcional do território urbano da cidade.

Foi o período em que a cidade «se afastou do rio» e a Praça da Liberdade ganhou protagonismo, passando, com as ruas mais próximas, a identificar-se com o novo centro (a «baixa») que a cidade capital do Norte necessitava e que o seu crescimento económico havia «produzido». Neste processo migratório que afastou do rio o principal da distribuição de produtos e serviços ao consumidor, a Rua das Flores desempenhou o papel de rua de ligação, extensão para norte de uma cidade ribeirinha.



A RUA DAS FLORES NOS SEUS TEMPOS ÁUREOS

Neste quadro e dentro do processo de crescente afirmação comercial da área central de uma cidade de dimensões urbanísticas consideravelmente aumentadas, certas ruas, à imagem das velhas ruas profissionais medievais (Rua da Ferraria, Rua dos Caldeireiros, Rua dos Pelames, Rua da Ourivesaria<sup>(1)</sup>, etc.), marcaram-se por uma importante especialização retalhista. Assim aconteceu com a Rua das Flores que, reconhecida como uma das principais artérias comerciais da cidade de então, estava marcada fundamentalmente pela presença de um avultado número de ourivesarias e, «os ourives eram tantos (...) desde a Igreja da Misericórdia até à volta para a Feira de S. Bento (Praça de Almeida Garrett), que raras lojas faziam excepção à ourivesaria<sup>(2)</sup>, pelo que ...do lado direito de quem a desce vindo de S. Bento, era quase uma sequência ininterrupta de ourivesarias...»<sup>(3)</sup>.

Existiam igualmente, em meados e finais do séc. XIX, casas de tecidos, mercearias, algibebe e casas bancárias e de câmbios (especialmente na proximidade a S. Domingos), mas o que era de facto notável era a concentração de estabelecimentos de comercialização de artigos em ouro e prata que, acumulando nalguns casos a venda de relógios, eram em número de 41 em 1882, representando quase metade do total registado na cidade (93). Esta especialização prolongava-se de alguma forma para a Feira de S. Bento (Praça de Almeida Garrett) e pela Rua D. Maria II (Trindade Coelho) para o largo dos Lóios, unindo comercialmente o moderno centro da cidade com o Largo de S. Domingos e a Praça do Infante.

O papel de transição entre o núcleo financeiro ligado à proximidade do rio e o núcleo comercial centrado no eixo Clérigos — Liberdade — 31 de Janeiro, sofreu um rude golpe com a concentração financeira à cota alta após a abertura da Avenida dos Aliados, quando mesmo a especialização na venda de objectos de metal precioso perdeu muito da sua importância.

De facto, se em 1910 nas Flores estavam sediadas ainda 30 das 91 ourivesarias ou ourivesarias-relojoarias da cidade, em 1938 esta relação era já de 20-85 e, à medida que aumentava o número total destes estabelecimentos na cidade (103 em 1972 e 150 em 1991), diminuía a sua quantidade nas Flores (16 em 1972, 8 apenas em 1991), enquanto que, localmente, estas se acantonavam cada vez mais no tramo da rua mais próxima dos Lóios e de Almeida Garrett, onde a localização é menos excêntrica relativamente a uma «Baixa» reforçada que relegou o centro histórico a um papel comercial ligado essencialmente ao abastecimento dos residentes, à animação da noite portuense e à recepção do turista.



VISTA PARCIAL E RECENTE DA RUA DAS FLORES

Assim, se num primeiro tempo a Rua das Flores terá constituído um prolongamento para norte de um centro económico radicado na proximidade do Douro, ela terá passado a constituir um prolongamento para sul do novo centro articulado pela Praça da Liberdade e a Avenida dos Aliados, Santa Catarina e 31 de Janeiro, sofrendo hoje, como aquelas artérias, com a multiplicação de novas formas urbanísticas concorrenciais com a rua comercial (como o centro comercial, ou o hipermercado) e com a afirmação retalhista de espaços exteriores à «Baixa», na cidade (Boavista) ou na periferia («centros comerciais» Carrefour, Continente e Jumbo), designadamente.

JOSÉ  
A. RIO  
FERNANDES

#### NOTAS

(1) Desaparecida em finais de XIX com as obras necessárias para a abertura da Rua Nova da Alfândega. Nela se terão concentrado, em tempos medievos e por alguns séculos mais, muitos dos artesãos do Porto que trabalhavam o ouro e a prata.

(2) Alberto Pimentel — *O Arco de Vandoma*, Porto, Lisboa, Guimarães e C.ª, 1945, p. 85.

(3) Artur de Magalhães Basto — *José Rosas Júnior: um tripeiro da Rua das Flores*, Porto, «O Tripeiro», série V, ano XIV, 1959, p. 258.